

EDITORIAL

A pertinência ou não de uma análise musicológica “holística”, na expressão de Cook (2008)¹, passa pelas discussões sobre Arte e Cultura e, algumas vezes, Arte versus Cultura. Seja qual for o pressuposto ideológico subjacente a cada discurso, as relações entre as Artes e a Sociedade e, em particular, a Música, estarão sempre na ordem do dia, como mostra o artigo de Albano — atual presidente da ANPPOM —, em que ela “traz para essa arte um sentido e função que transcende o caráter puramente estético que ela contempla, constituindo-se em uma linguagem integrada às demais linguagens, capaz de contribuir de forma benéfica na evolução integral dos indivíduos” e suas implicações na educação musical da escola regular.

O artigo de Sulpício e Misina relata uma história possível do Ragtime e, em seguida, Bollos e Costa mostram como a execução do *Boogie blues* pode beneficiar a aprendizagem no contexto do ensino de piano complementar.

Voltando à questão da dimensão social, Almeida dialoga com a Antropologia da performance, tendo como ferramenta a etnografia, estreitando os laços entre a Pesquisa Musical e as Ciências Sociais.

No centro das discussões sobre Arte e Cultura está a Indústria da Cultura e suas ações devastadoras para ouvidos e mentes. Camargo propõe como contrapartida “o universo transgressor da arte e o impacto do ensino da música enquanto linguagem (compreensão da obra e a construção do gosto e do juízo estético) como possibilidades de formação crítica e resistência à essa estrutura de controle e de consumo”.

Na estante dos instrumentos esquecidos, pelo menos no Brasil, senão no mundo, repousa o oboé. Dois artigos tratam dele neste fascículo: Machado e Marques fornecem um passo-a-passo essencial para que “o aluno iniciante nos estudos de oboé aprenda a confecção das próprias palhetas e manuseio das ferramentas necessárias”.

1 'We are All (Ethno)musicologists Now'. In *The New (Ethno)musicologies*, ed. Henry Stobart (Lanham, MD: Scarecrow Press, 2008), 48-70.

Gisiger observa e identifica “os ajustes propostos por oboístas brasileiros em palhetas de oboé preparadas para a performance e que sofrem alterações devido à ação da umidade do ar, temperatura do ambiente e altitude relativa ao nível do mar”.

Siufi e Berg, “partindo dos conceitos de François Delalande a respeito da exploração e criação musical através de objetos sonoros”, identificam conexões com Walter Howard, concluindo que a ampliação das relações com os sons a partir de inquiribilidade, exploração e investigação “aguça a criatividade e abre caminho para o desenvolvimento de habilidades essenciais ao longo da infância”.

O artigo de Giani, traduzido por Rafael Alexandre da Silva, a quem agradecemos, levanta a questão acerca de uma duplicidade de sentido em Hanslick, ao analisar “os textos e as modificações feitas pelo autor”, e a origem dos conceitos utilizados.

Agradecemos também o trabalho inestimável da mais nova integrante da equipe editorial da RT, a bibliotecária Teresinha das Graças Coletta.

Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro

Editor-chefe